

## FUNDAMENTOS ARQUITETONICOS: REVITALIZAÇÃO DA PRAÇA SANTOS DUMOND – SANTA HELENA - PR

MARCHI, Letícia de Melo.<sup>1</sup>  
PEZZINI, Camila.<sup>2</sup>

### RESUMO

Nesta pesquisa será feito o resgate histórico da arquitetura, desde seu surgimento até os dias atuais, relatando a evolução da arte de projetar, retomando os fundamentos abordados no decorrer do curso de Arquitetura e Urbanismo, relacionados metodologias dos temas arquitetura, urbanismo e paisagismo, abordando temas referentes ao urbanismo como um todo, mostrando especialmente as áreas de planejamento municipal, desenho urbano e demais temas, revendo as fundamentações das tecnologias usadas nos diversos ramos da arquitetura, os avanços das técnicas de construção. E Posteriormente interligando todo o resgate com o tema de pesquisa que se baseia na revitalização da Praça Santos Dumond na cidade de Santa Helena – PR, pois atualmente ele não atende as necessidades necessárias para qualquer tipo de uso, não dispondo de nenhum mobiliário, nem equipamentos necessários para uso da população, porém é um espaço situado no centro da cidade, com grande área verde e com grande potencial para utilização, sem contar que com a transformação da paisagem se torna mais agradável e chamativa aos seus usuários, melhorando também a arborização do local em si e da cidade como um todo. A nova praça será elaborada e projetada através de pesquisas em campo com registros das modificações que serão necessárias e entrevistas com o público alvo para saber quais as maiores necessidades dos mesmos, sempre com o objetivo de atender suas necessidades e elaborar um projeto que possa melhorar a qualidade de vida de todos os usuários.

**PALAVRAS-CHAVE:** Revitalização. Praça. Paisagem. Urbanismo. Arquitetura.

### ARCHITECTURAL FUNDAMENTALS: SQUARE REVITALIZATION SANTOS DUMOND - SAINT HELENA – PR

### ABSTRACT

In this research will be the historical review of architecture, from its inception to the present day, explaining the evolution of the art of designing, returning to the fundamentals discussed during the course of Architecture and Urbanism, related methodologies architecture issues, urban planning and landscaping, addressing issues related to urban planning as a whole, showing especially the areas of municipal planning, urban design and other topics, reviewing the foundations of the technologies used in various fields of architecture, advances in construction techniques. And later linking all the rescue with the theme of research that is based on the revitalization of Praça Santos Dumond in the city of St. Helena - PR, because currently it does not meet the necessary requirements for any type of use and does not have any furniture or equipment required for use of the population, however it is a space in the center of the city with large green area with great potential for use, not to mention that with the transformation of the landscape becomes more enjoyable and attractive to its users, improving also afforestation of location itself and the city as a whole. The new square will be developed and designed through research in the field with records of changes that will be necessary and interviews with the target audience to find out what the greatest needs of the same, always aiming to meet your needs and design a project that can improve quality of life for all users.

**KEYWORDS:** Revitalization. Square. Landscape. Urbanism. Architecture.

## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho vincula-se na linha de pesquisa Arquitetura e Urbanismo, no grupo de pesquisa Projetos de Arquitetura no Contexto Urbano, utilizando um espaço público praticamente sem uso, buscando torna-lo convidativo ao público.

A proposta consiste em realizar pesquisas que fundamentem uma proposta projetual para revitalizar a Praça Santos Dumond na cidade de Santa Helena - PR, buscando otimizar o espaço e melhor servindo aos seus usuários.

### 1.1 ASSUNTO/TEMA

O tema busca a melhor utilização e distribuição dos espaços da Praça Santos Dumond onde já vem sendo utilizado por adaptação dos usuários. O assunto do projeto e referente a revitalizar uma praça e aperfeiçoar o seu uso.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

Com o crescimento das cidades e o adensamento de áreas centrais os espaços públicos se tornam uma indispensável opção de área de lazer para a cidade, as praças espalhadas pelos bairros, são elementos necessários para a vida na cidade, tornando-se objeto de interesse público. No caso da cidade de Santa Helena - PR conta com um espaço denominado como praça, porém a situação atual não permite o seu uso adequado, com sua área ampla, verde e acessível tem potencial para tal. Através de uma revitalização busca proporcionar melhor distribuição e limitação dos espaços utilizando a vegetação já existente, atraindo assim a população a um lugar agradável. Dispondo também de um espaço para atividades físicas, descanso, socialização, praticamente no centro da cidade.

## 1.3 PROBLEMA DA PESQUISA

Os jovens e crianças de algum tempo atrás costumavam utilizar dos espaços públicos para se divertir e interagir com os colegas, porém, atualmente o modo de se distrair se inovou, e sem nenhum tipo de atrativo preferem-se os jogos eletrônicos. Como tornar o espaço público mais atraente para uma população cada vez mais digitalizada?

## 1.4 FORMULACAO DA HIPOTESE

A utilização de espaços públicos, como parques e praças, como atrativo, valorizando a paisagem urbana e, também, planejando seus espaços bem estruturados, junto com o estudo do ambiente, suas dimensões, que tipo de utilização ele já está tendo pela sociedade e o que dá início a pesquisa para recriar um local com mais opções de atividades, abrangendo todas as idades, de acordo com as necessidades locais e desta maneira chamar a atenção da população cibernética, podendo até incluir pontos de conexão com a internet, de modo à divulgação do espaço que além de toda estrutura que faz parte de uma praça ainda conta com essa opção virtual.

## 1.5 OBJETIVOS

### 1.5.1 Objetivo Geral

A proposta tem por objetivo criar um ambiente confortável para quem já utiliza e mais útil na intenção de atrair aqueles que ainda não utilizam por falta de equipamentos. Propor um espaço público confortável para quem já utiliza a Praça Santos Dumond, demonstrando a importância desses espaços para o contexto urbano.

### 1.5.2 Objetivos Específicos

- Pesquisa histórica dos quatro pilares da arquitetura referente ao tema através de bibliografias.
- Estudo sobre espaços públicos e como eles interferem na identidade de uma cidade.
- Estudo sobre a importância de espaços públicos para uma cidade.
- Levantamento do local existente e suas condições atuais da Praça Santos Dumond.
- Planejamento para potencializar atividades já existentes.
- Proposta projetual para revitalização da praça.
- Implantação de outros tipos de atividades (academia de alongamento, brinquedos infantis, etc).
- Inserção de mobiliário urbano como bancos, uma recreação infantil, delimitação de campos com rede e traves, banheiros, água potável, calçada, entre outros.

## 2 FUNDAMENTACAO TEORICA

Segundo Waterman (2010) a história da humanidade e escrita sobre a paisagem. Cada civilização, cada império que passou deixou sua marca de alguma maneira importante. As pessoas a milênios sentem necessidade de construir e criar, não apenas para atender as necessidades primárias de alimentação, abrigo e companhia, mais também para

edificar monumentos gloriosos que simbolizem suas ambições coletivas, ou seja, desde o começo da civilização as pessoas sentiam a necessidade de espaços coletivos.

A praça pode ser definida, de maneira ampla, como qualquer espaço público urbano, livre de edificações que propicie convivência e recreação para os seus usuários. O espaço urbano tido com precursor das praças foi a ágora, na Grécia. A ágora grega era um espaço aberto, normalmente delimitado por um mercado, no qual se praticava a democracia direta, visto ser este o local para discussão e debate entre os cidadãos (MACEDO, ROBBIA, 2002).

Lerner (2011) diz que cada cidade tem sua história, seus pontos de referência. Não somente àquelas construções que são classificadas como marcas importantes do patrimônio histórico da nação, mas, principalmente, aos locais que pertencem à memória da cidade e que são pontos fundamentais da identidade, do sentimento de pertencer a uma cidade. E a praça é um elemento muito presente neste resgate uma vez que, na maioria das vezes, ela surge junto com a mesma.

Até meados do século XVIII o projeto de praças restringia-se ao entorno dos palácios europeus, nem sempre inseridos no contexto urbano. Os espaços livres existentes nas cidades e marcados pelas aglomerações humanas estavam, em geral, relacionados à existência de mercados populares ou ao entorno de igrejas e catedrais. Foi somente no século XIX, que o desenho de praças entrou em cena, preconizado pelo trabalho de profissionais como Frederick Law Olmsted (projetou o Central Park de Nova Iorque). Esse espaço, existente há milênios, utilizado por civilizações de distintas maneiras, nunca deixou de exercer a sua mais importante função: a de integração e sociabilidade. Considerando que praças são espaços abertos, públicos e urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população (LIMA et al., 1994; MACEDO e ROBBIA, 2002), sua função primordial é a de aproximar e reunir as pessoas, seja por motivo cultural, econômico, político ou social. A praça é, também, um espaço dotado de símbolos, que carrega o imaginário e o real, marco arquitetônico e local de ação, palco de transformações históricas e socioculturais, sendo fundamental para a cidade e seus cidadãos. Constitui-se em local de convívio social por excelência (DIZERÓ, 2006).

As praças e parques públicos passam a ser instrumentos de melhoramento da cidade contemporânea, que trazia consigo o aumento da densidade populacional e as consequências do consumismo: a grande quantidade de carros, lixo, edifícios e exclusão social. A cidade passa a necessitar por natureza em meio ao urbano, e as intervenções urbanas nesse caráter se tornam meio de controle social, sobretudo das novas classes médias, subordinadas às políticas públicas e ideológicas que multiplicam o consumo e atribuem valor econômico ao solo urbano onde são aplicadas (SERPA, 2009).

Para a construção de espaços verdes em meio a cidade foi preciso um processo de reforma: ocupação de vazios, demarcação de áreas de risco, demolições, desapropriações e realocações, que primeiramente aconteciam nas periferias e áreas nobres, que ganhavam com a intervenção uma nova centralidade. Intensificou-se, com isso, o processo de desvalorização dos Centros Urbanos, provocando logo a necessidade em se intervir nestes, devolvendo a dinâmica perdida (VARGAS, 2009).

Segundo Carlos (2007) a paisagem urbana, enquanto momento, instantâneo que surge a primeira vista aos olhos do pesquisador, revela relações, ações, que iniciam a investigação sobre a cidade. A ideia de paisagem, na perspectiva geográfica, liga-se ao plano do imediato aquele da produção do espaço, analisando enquanto produto das transformações que a sociedade humana realiza a partir da natureza, num determinado momento do desenvolvimento das forças produtivas, sob múltiplas formas de uso, seja através da construção da moradia, do lazer como nas praças, das atividades de trabalho. Isto porque a natureza transformada pela ação humana, ao longo de uma série de gerações, dá-se enquanto modos de apropriação visíveis na paisagem, reproduzindo a história e a concepção do homem, sobre morar, trabalhar, viver necessitando cada vez mais evoluir em todos os aspectos. A paisagem por sua vez, contém mistérios, beleza, sinais, símbolos, alegorias, tudo carregado de significados; memória, que “revela múltiplas impressões passadas”, imagens impregnadas na história.

Praças são pontos de encontro, onde as pessoas buscam atividades diversas assim como um lugar para interação, sem contar que se torna uma área verde trazendo a natureza para o meio urbano. As praças nos dias de hoje são vistas pela maioria das pessoas como espaços abandonados, de mendicância, ponto de drogas, e até mesmo de prostituição, restando para pequena parcela da sociedade alternativas de lazer, meditação, dentre outras atribuições a este patrimônio público que pertence a toda sociedade (YOKOO e CHIES, 2009).

As reformas e as reconfigurações de praças são ações das mais comuns no cotidiano das cidades brasileiras. Muitas vezes, uma reforma é indispensável para readequar o projeto a nova dinâmica urbana, que se estabelece com a transformação e o crescimento da cidade. Os novos projetos buscam soluções para problemas diagnosticados nas configurações anteriores: desobstruir e redimensionar passagens e caminhos, refazer os projetos de plantio, quando necessário, atentando as questões ambientais e climáticas, além de inúmeras outras ações que podem colaborar para o incremento da qualidade urbana da área. Outras vezes, reformas são feitas sem nenhum significado, representando uma maneira de “mostrar serviço” de uma questão administrativa em final de mandato, quando são destruídos patrimônios espaciais e funcionais importantes para dar lugar a uma nova configuração dita modernizante (MACEDO, ROBBA 2002, p.164).

A qualidade de vida urbana está diretamente atrelada a vários fatores que estão reunidos na infraestrutura, no desenvolvimento econômico-social e aqueles ligados à questão ambiental. No caso do ambiente, as áreas verdes públicas constituem-se elementos imprescindíveis para o bem estar da população, pois influencia diretamente sua saúde física e mental, com a finalidade de melhorar a qualidade de vida, pela recreação, preservação ambiental, áreas de preservação dos recursos hídricos, e à própria sociabilidade, essas áreas tornam-se atenuantes da paisagem urbana, sendo indispensável atualmente (LOBODA, ANGELIS 2005).

Notamos a importância de espaços verdes com a observação de Robba e Macedo (2003), que enfocam a melhoria na ventilação e aeração urbana, pois as metrópoles padecem, atualmente, com problemas de poluição atmosférica. Em todo e qualquer espaço urbano livre, é importante a circulação de ar, uma vez que ela contribui para a dispersão de poluentes. Uma melhor insolação de áreas muito próximas contribuiria para o controle da temperatura, assim como para uma melhor drenagem das águas pluviais, com superfícies porosas, o que resultaria na diminuição da velocidade de escoamento, evitando enchentes.

Diante das possibilidades de lazer oferecidas pelas novas tecnologias, e pela midiáticação em geral à sociedade contemporânea, espaços públicos como as praças se tornam pouco frequentados, uma vez que as grandes cidades capitalistas não garantem a segurança e dinâmica destes espaços e se estruturam pela divergência entre o público e o privado ou também pela falta de cuidado do usuário, sendo alvo de vandalismo. Deste modo, para que a praça atraia o homem moderno, seduzido pelo mundo da informação tecnológica e por novas opções de lazer, “ela precisa incorporar a musicalidade de antigos coretos e resgatar a alegria das festas ancestrais, reinterpretando-as com equipamentos de lazer ativo que reproduzam a mesma animação, intensidade e vibração percebidas na televisão” (CASÉ, 2000).

### 3 METODOLOGIA

A metodologia adotada é a pesquisa bibliográfica. Os estudos acontecerão por meio de encontros quinzenais do discente pesquisador com o orientador. Com os resultados obtidos os mesmos analisarão e concluirão, encaminhando para a comprovação ou reformulação das hipóteses da pesquisa.

A pesquisa bibliográfica abrange qualquer material produzido sobre determinado assunto. Para Soares (S.D.), esse tipo de pesquisa objetiva explicitar e construir hipóteses a partir do problema da pesquisa, fundamentando o assunto em questão. O levantamento bibliográfico deve buscar fontes respeitáveis e atualizadas. A autora segue o entendimento de Soares, que se diz favorável à utilização de fichas de leituras, que facilitam a organização das informações obtidas.

A partir da pesquisa-se bibliográfica objetiva-se a proposta projetual de revitalização de um espaço público sem utilização, por meio de dimensões e estruturas adequadas.

### 4 ANÁLISES E DISCUSSÕES

#### 4.1 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETONICOS

##### 4.1.1 Na História e Teorias

Histórias e Teorias se faz importante na arquitetura para que se possa tentar entender uma sucessão de fatos arquitetônicos ao longo do tempo é preciso situá-los num contexto em que todos os elementos históricos estejam presentes, passando por todos os períodos e suas mutações.

O tema é abordado dividindo-se em períodos, a arquitetura surgiu a milhares de anos, na antiguidade, onde se constituía apenas de pedras amontoadas que serviam de abrigo para os homens, e foram se aperfeiçoando fazendo com que nascessem os estilos arquitetônicos no decorrer das décadas, teve início paralelamente com as artes, porém quando se trata de pré-história não se pode falar de arquitetura como arte, mas sim com um caráter funcional, onde os humanos se abrigavam em cavernas e não tinham nenhum interesse estético em suas construções.

Partindo da Idade da Pedra, é considerada como sendo o período que compreende a aparição dos primeiros utensílios produzidos pelo Homem. Durante este período surgem os primeiros monumentos e o homem começa a dominar a técnica de trabalhar a pedra.

O surgimento da Arquitetura está associado à ideia de abrigo. O abrigo, como sendo a construção predominante nas sociedades primitivas, será o elemento principal da organização espacial de diversos povos. WATERMAN (2010) diz que a história da humanidade é escrita sobre a paisagem. Cada civilização, cada império que passou deixou sua marca. As pessoas sentem necessidade de construir e criar, não apenas para atender as necessidades primárias de alimentação, abrigo e companhia, mais também para edificar monumentos gloriosos que simbolizem suas ambições coletivas.

Colin (2002) classifica a arquitetura como um produto cultural, pois, “[...] muito do que sabemos sobre as sociedades e civilizações anteriores às nossas, ou aprendemos pela observação e análise da arquitetura desses povos; sabemos sobre hábitos, grau de conhecimento técnico, grau de sensibilidade e ideologia através do estudo dos seus edifícios e ruínas” (COLIN 2002, p.22).

Colin (2002) descreve em seu livro que após a queda do Império Romano, o formal clássico dá lugar a outro estilo. “O conteúdo formal paleo-cristão terá, por certo, influência dos Romanos. [...] Em linhas gerais poderíamos caracteriza-los como um afastamento dos ideais antigos, empobrecimento da forma mural, com o fim das ordens, do sistema modular, das esculturas, modinaturas e relevos figurativos aplicados aos elementos arquitetônicos” (COLIN, 2002, p.81).

Colin (2002) posteriormente alega que surge o estilo Gótico, como uma expressão cultural e um novo sistema caracterizado pelo poder da igreja associados aos poderes seculares do feudalismo em decadência e do mercantilismo em ascensão.

E por fim, o conteúdo formal moderno, que se caracteriza de “Novas possibilidades técnicas, uma demanda sempre crescente, uma crença ilimitada nas possibilidades da ciência e da técnica, uma atitude de confiança no futuro e um desprezo pelas tentativas de natureza historicista levada a efeito no século XIX são alguns dos fatores responsáveis pelo aparecimento da nova atitude na arquitetura que chamamos de modernismo” (COLIN, 2002, p.83).

Segundo Dias (2005) a arquitetura condiz com a natureza e existem várias formas de entendê-la, porém, é através da história e de apreciação de valores artísticos que ela pode ser interpretada em seu melhor valor.

Cada cidade tem sua história, seus pontos de referência. Não me refiro somente àquelas construções que são classificadas como marcas importantes do patrimônio histórico da nação. Refiro-me, principalmente, aos locais que pertencem à memória da cidade e que são pontos fundamentais da identidade, do sentimento de pertencer a uma cidade. Seja uma determinada fábrica, um ponto do antigo bonde ou uma daquelas antigas vendas que tinham tudo ingenuamente exposto (LERNER 2011, p.41).

Lerner (2011) diz que essas antigas referências já não existem mais e por tal motivos devem se encontrar novos usos e novas atividades dando vida a cada local. Na década de 70, essas reciclagens começaram a ganhar âmbito no mundo e vários projetos grandiosos surgiram, os que mais se destacam são as revitalizações de lugares esquecidos que deram vida a cidade novamente.

[...] Arrisco-me a dizer que a cidade do futuro não será muito diferente da de hoje, pelo menos no aspecto físico, assim como a cidade atual não é muito diferente da cidade de 200 ou 300 anos atrás. [...] Muitos complexos empresariais serão fragmentados, e cada vez mais a cidade será uma estrutura de vida e trabalho juntos (LERNER, 2011, p.41).

A partir dos períodos expostos percebe-se a importância de analisar a arquitetura concebida desde os primórdios até nas décadas mais atuais, onde a partir da década de 90, surge uma arquitetura em conjunto de ideais, buscando novas tecnologias, mas de uma forma mais branda do que se fazia no modernismo, chegamos então na atualidade, onde a arquitetura contemporânea, em um meio plural, se mescla com a modernista e à tem ainda como ponto de inspiração porém rejeita classificações de escolas e movimentos.

#### 4.1.2 Nas Metodologias de Projetos

O desenho é a linguagem de quem projeta. Para o arquiteto ele vem como um auxiliar de representação da obra, e não um fim em si como, por exemplo, na pintura. O desenho dos elementos de um edifício de uma forma bem definida e de acordo com a sua função estrutural e com as possibilidades do material que os constitui conduz à criação e evolução de novos e são caminhos arquitetônicos e constitui a missão principal do arquiteto (NEUFERT, 2002, p.31).

Dias (2005) diz que a arquitetura não se constitui de um conjunto de alturas, comprimentos e larguras, mas sim do vazio, do espaço encerrado, do espaço interior em que os homens convivem. As fachadas por mais belas que forem, irão constituir apenas a caixa, o que realmente é importante está dentro dela, o que não tem espaço interior não deve ser considerado arquitetura.

“O contexto das formas arquitetônicas, ou urbanas, pode englobar tanto critérios funcionais como econômicos, tecnológicos, jurídicos administrativos ou critérios de natureza estética, arquitetônica. A multiplicidade de critérios e a sua natureza heterogênea desaconselham uma sistematização, à qual pouco adiantaria às questões aqui abordadas” (LAMAS, 2000, p.48). Lamas (2000) afirma que antes do movimento moderno a arquitetura e o urbanismo conseguiam relacionar-se de maneira positiva, porém após o movimento surgiram muitos arquitetos funcionalistas que pregavam que a função era mais importante que a forma. Em Paris, por exemplo, Haussman organizava os edifícios de forma em que cada piso servisse para uma função.

No caso do paisagismo, que por muitas vezes deixa de ser valorizados e até notados, porém com um grande valor ao que se diz respeito à interação arquitetônico e urbanístico. Segundo WATERMAN (2010) do livro Fundamentos de paisagismo a paisagem determina o contexto para tudo que é construído para as atividades cotidianas de nossas vidas. Qualquer coisa que é construída na paisagem precisa levar em consideração seu entorno e sua inserção no meio, para que possa ser bem sucedida e sustentável, e isso é essencial para a prática da arquitetura paisagística.

“O paisagista no Brasil, goza da liberdade de construir jardins baseados numa realidade florística de riqueza transbordante. Respeitando as exigências da compatibilidade ecológica e estética, ele pode criar associações artificiais de uma expressividade enorme” (MARX, 1967 *apud* DOURADO, 2009).

No Brasil, as riquezas da flora são infinitas permitindo uma abrangência muito grande no que se trata de paisagismo, tornando-o um tema não passivo de espaços isolados, mas sim tomando proporções gigantescas, principalmente nas construções arquitetônicas, fazendo parte dos espaços internos e externos, integrando ambientes e melhorando a qualidade de vida dos usuários e a estética das obras.

#### 4.1.3 No Urbanismo e Planejamento Urbano

O urbanismo, área que estuda de um modo geral o crescimento e planejamento das cidades como um todo. “A morfologia urbana estudará essencialmente os aspectos exteriores do meio urbano e as suas relações recíprocas, definindo e explicando a paisagem urbana e a sua estrutura” (LAMAS, 2000, p.37). Lamas (2000) relata ainda que o meio urbano pode ser analisado de vários pontos de vista, essencialmente os objetos de análise ressaltarão os fenômenos implicados na produção do espaço urbano.

A cidade é um instrumento de trabalho. As cidades já não cumprem normalmente essa função. São ineficazes: desgastam o corpo, contrariam o espírito. A desordem que se multiplica nelas é ultrajante: sua decadência fere nosso amor-próprio e melindra nossa dignidade. Elas não são dignas da época: já não são dignas de nós (CORBUSIER, 2000, p.VII).

Lerner (2011) aborda que um dos maiores problemas das cidades atuais são os meios de transportes, principalmente os automóveis, que tomam conta da maioria de todas as cidades, causando grandes caos diários, a solução seria dar ao ônibus o mesmo desempenho que um metrô.

Na natureza caótica, o homem, para sua segurança, cria para si uma ambiência, uma zona de proteção que esteja de acordo com o que ele é e com o que ele pensa; ele precisa de pontos de referências, de praças fortificadas em cujo interior ele se sinta em segurança; precisa de coisas de seu determinismo. O que ele faz é uma criação e esta contrasta ainda mais com o meio natural porque seu objetivo está mais perto do pensamento e mais afastado, mais separado do corpo. Pode-se dizer que quanto mais as obras humanas se afastam da apreensão direta, mais tendem à pura geometria. (CORBUSIER, 2000, p.21).

F. L. Wright propõe uma solução à qual deu o nome de *City*. A natureza volta a ser um meio contínuo, no qual todas as funções urbanas estão *dispersas* e isoladas sob forma de *unidades reduzidas*. O alojamento é individual: não há apartamentos, mas casas particulares, que os ocupantes dedicam à agricultura e os lazeres diversos. Ora o trabalho está situado ao lado do alojamento (oficinas, laboratórios e escritórios particulares), ora se integra em pequenos centros especializados: unidades industriais ou comerciais são cada vez mais reduzidas ao maior volume viável, destinadas a um mínimo de pessoas. Acontece o mesmo com os centros hospitalares e culturais, cujo número compensa a dispersão e a escala geralmente reduzida. O Arquiteto americano imaginou, portanto, um sistema acêntrico, composto de elementos pontuais inseridos numa rica rede circulatória. (CHOAY, 2003).

“A organização funcionalista das cidades anulou as considerações morfológicas. As relações quantitativas e distributivas, o zoneamento e atribuição de uma função exclusiva a cada parcela do território tornaram-se métodos universais do urbanismo, produzindo cidades monótonas e pouco estimulantes – eventualmente com tudo arrumado no seu lugar, mas sem lugar para a surpresa, a complexidade e a emoção” (LAMAS, 2000, p.53). O que o movimento moderno trouxe para a cidade acabou tornando-a simples, reduzindo-a a apenas uma divisão de zonas, de morar, trabalhar e recrear.

“A grande cidade, fenômenos de força em movimento, é hoje uma catástrofe ameaçadora, por já não ser animada por um espírito de geometria” (CORBUSIER, 2000, p.24).

Lamas (2000) afirma que o espaço público humanizado são constituídos por diferentes unidades espaciais e elementos urbanos e os divide em: escala da rua, escala do bairro, escala da cidade, o solo, os edifícios, o lote, o logradouro, o monumento, e ainda em:

Quarteirão: é o espaço delimitado pelo cruzamento de três ou mais vias e subdivisível em parcelas (lotes) para construção de edifícios (LAMAS, 2000, p.88).

Fachada: tem a importância de decorar a posição hierarquizada que o lote ocupa no quarteirão. A fachada é o involucro visível da massa construída, e é também o cenário que define o espaço urbano (LAMAS, 2000, p.94).

Traçado: regula a disposição dos edifícios e quarteirões, liga os vários espaços e partes da cidade, e confunde-se com o gesto criador (LAMAS, 2000, p.98).

Praça: lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas (LAMAS, 2000, p.102).

Canteiro, árvore, jardim, parque, as estruturas verdes constituem também elementos identificáveis na estrutura urbana. Caracterizam a imagem da cidade, servem para organizar, definir e conter espaços (LAMAS, 2000, p.106).

Mobiliário urbano: ‘mobíliam’ e equipam a cidade: o banco, o chafariz, o cesto de papéis, o candeeiro, o marco do correio, a sinalização, etc., (LAMAS, 2000, p.108).

“A paisagem humanizada e o ambiente arquitetônico são patrimônios coletivos. Os cidadãos têm direito a viver em ambientes esteticamente qualificados. O direito à qualidade da paisagem e da arquitetura é um direito social e, noutro sentido, fundamento da intervenção do arquiteto” (LAMAS, 2000, p.68).

#### 4.1.4 Na Tecnologia da Construção

A partir da Revolução Industrial e, particularmente, durante os últimos cinquenta anos, tem-se convertido em conceito admitido que o desenvolvimento permanente da tecnologia é a única alternativa que oferece possibilidades reais de progresso humano. O desenvolvimento tecnológico ocorrido nesses anos havia prometido levar a sociedade a um próspero e brilhante futuro. O desenvolvimento da tecnologia serviu, inclusive, como indicador de progresso geral do desenvolvimento social, e, ainda hoje, tendemos a julgar as sociedades como avançadas ou atrasadas segundo o nível de sofisticação tecnológica (MASCARÓ, 1989, p.7).

Segundo Engel (2002) a estrutura é o primeiro e único instrumento que gera a força e espaço na arquitetura, tornando-se assim um meio essencial na modelagem do meio material do homem.

O comportamento básico de um sistema estrutural não depende do material, ressalvas feitas aos materiais não adequados à construção. É verdade que a propriedade de tensão da estrutura material é também necessariamente um critério de classificação para o sistema e duração da estrutura, mas o comportamento mecânico, sua compreensão, assim como a sua aplicação no projeto, não dependem do material (ENGEL, 2002, p.21).

“As formas estruturais estão sujeitas às leis da gravidade e da mecânica de forças. Portanto podem ser calculadas, verificadas e ordenadas, pois elas têm sua própria lógica e elas constituem um vocabulário de desenho: geometria de formas estruturais” (ENGEL, 2002, p.330).

Partindo agora para as instalações prediais Montenegro (1978) relata que essa parte dos projetos não compete aos arquitetos, apesar de muitos saber fazê-los, trata-se de uma questão de eficiência e especialização.

Comumente os projetos arquitetônicos limitam-se a indicar os pontos de eletricidade e de telefone. Os pontos de água e de esgoto deduzem-se das peças sanitárias, que sempre são desenhadas nas plantas. Os pontos de eletricidade e os de telefone são representados no projeto arquitetônico por meio dos símbolos gráficos (MONTENEGRO, 1978, p.123).

Quanto às técnicas de construção, devemos considerar com cuidado as forças ambientais no contexto da edificação, analisar a sua localização, o clima, a orientação solar e etc. A topografia do terreno consiste em uma determinante da construção, pois a elaboração do projeto depende totalmente da situação em que se encontra o solo em que ela será locada. Montenegro (1978) diz que conhecer o terreno é muito importante para a construção. “Um terreno com suas dimensões, ângulos, relevo, árvores, blocos de pedra e acidentes geográficos conhecidos, torna a construção menos sujeita a imprevistos” (MONTENEGRO, 1978, p.89).

O gerenciamento de um projeto é, portanto, a coordenação eficaz e eficiente de recursos de diferentes tipos, como recursos humanos, materiais, financeiros, políticos, equipamentos, e de esforços necessários para obter-se o produto final desejado – a obra construída -, atendendo-se a parâmetros preestabelecidos de prazo, custo, qualidade e risco (LIMMER, 1996, p.12).



“Muitas vezes, uma reforma é indispensável pra readequar o projeto a nova dinâmica urbana, que se estabelece com a transformação e o crescimento da cidade. Os novos projetos buscam soluções para problemas diagnosticados nas configurações anteriores: desobstruir e redimensionar passagens e caminhos, refazer os projetos de plantio, quando necessário, atentando as questões ambientais e climáticas, além de inúmeras outras ações que podem colaborar para o incremento da qualidade urbana da área. Outras vezes, reformas são feitas sem nenhum significado, representando uma maneira de “mostrar serviço” de uma questão administrativa em final de mandato, quando são destruídos patrimônios espaciais e funcionais importantes para dar lugar a uma nova cenarização dita modernizante.” (ROBBA F., MACEDO S. 2010).

Abordando por fim a questão do conforto ambiental, seja ele, térmico, lumínico ou acústico também é um assunto que se caracteriza pela busca de melhor qualidade de vida dentro da arquitetura. Segundo HERTZ (1998), uma das principais funções de uma construção é a de atenuar as condições negativas e aproveitar os aspectos positivos oferecidos pela localização e pelo clima. Trata-se, portanto de neutralizar as condições climáticas desfavoráveis e potencializar as favoráveis, tendo em vista o conforto dos usuários. Para isso, é preciso levar em conta que o clima afeta o corpo humano pela interação de cinco elementos: a temperatura do ar, a radiação solar, o vento, a umidade e as precipitações.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível concluir através deste trabalho o quão importante é a arquitetura, e tudo o que a ela se relaciona, tanto para o ser humano e seu entorno quanto para a cidade, levando em consideração os quatro pilares da arquitetura. Desta forma, pode-se perceber que a arquitetura engloba tudo para balancear o homem e o que esta em sua volta, utilizando de novas tecnologias e sempre buscando inovações, pensando na sustentabilidade como recurso para as novas gerações, assim como um espaço público comum disponível a diversos usos e atividades.

Segundo o levantamento feito neste trabalho percebemos que a arquitetura esta em crescimento constante, passando pela história desde a idade da pedra indo até no período da Revolução Industrial, onde o urbanismo cresceu de maneira rápida, devido a grande demanda da população rural que peregrinava para o meio urbano, assim iniciaram-se os estudos sobre o desenho das cidades, seu habitat e o meio ambiente. Esse crescimento se deu também a partir das diversas tecnologias para a construção que vem se desenvolvendo e aperfeiçoando com o passar dos anos.

Este trabalho tem como objetivo a proposta projetual a revitalização da Praça Santos Dumond na cidade de Santa Helena – PR. Onde, nesta primeira etapa faz o levantamento dos problemas a serem solucionados juntamente com a proposta inicial de melhoramento do espaço. Buscando assim, na sequencia, definir as técnicas construtivas e os materiais a serem utilizados nesta intervenção, dependendo do tipo de utilização a ser praticado e da paisagem que se oferece, pode-se experimentar melhorias consideráveis, com benefícios para toda a sociedade.

A praça é um bem comum para sociedade, com base no que afirma Pfeiffer (2000): Frank enxergava a natureza em termos de devoção, acreditava que quanto mais perto da natureza o homem se encontrasse, melhor ficaria seu bem-estar pessoal, espiritual e físico. Onde aprimorando este espaço já existente traria benefícios à saúde da população.

## REFERENCIAS

CASÉ, P. **A Cidade Desvendada: Reflexões e Polêmicas sobre o Espaço Urbano**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

CHOAY, Françoise. **O Urbanismo**. 5.ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2003.

COLIN, Silvio. **Uma introdução à arquitetura**. 2.ed. Rio de Janeiro: Uape, 2002.

CORBUSIER, Le. **Urbanismo**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DIAS, Solange I. S. **Introdução a Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo**. Cascavel: FAG, 2005.

DOURADO, M. Guilherme. **Modernidade verde: Jardins de Burle Marx**. São Paulo: Senac, 2009.

ENGEL, Heino. **Sistemas Estruturais**. Barcelona: Gustavo Gilli S.A., 2001.



LAMAS, M. R. G. José. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 2.ed. Fundação Calouste Gulbenkian Fundação para a Ciência e a Tecnologia: FERGRÁFICA, 2000.

LERNER, Jaime. **Acupuntura Urbana**. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LIMMER, Carl V. **Planejamento, Orçamentação e Controle de Projetos e Obras**. Rio de Janeiro: LTC, 1996.

LOBODA, C. R.; ANGELIS, B. L. **Áreas verdes públicas: Conceitos, usos e funções**. Guarapuava: Ambiência, 2005.

MASCARÓ, L.; PELLI, V. S.; VIANNA, N. S. **Tecnologia e Arquitetura**. São Paulo: Nobel, 1989.

MONTENEGRO, Gildo A. **Desenho Arquitetônico**. 4.ed. São Paulo: Edgard Blucher, 1978.

NEUFERT, Ernest. **Arte de projetar em arquitetura**. 5.ed. São Paulo: Gustavo Gili do Brasil, 2002.

ROBBA, Fabio, MACEDO, Silvio Soares. **Praças Brasileiras**, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

SERPA, Â. **O Espaço Público na Cidade Contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2009.

VARGAS, H. C. **Centros Urbanos: Por quê intervir?**. São Paulo: EPUSP, 2006.

WATERMAN, Tim. **Fundamentos de paisagismo**, Porto Alegre, Bookman, 2010.